

Teatro para crianças no Brasil – contexto histórico, desafios e perspectivas

Humberto Braga
Produtor Cultural (Rio de Janeiro – Brasil)



A Feira de Maravilhas do fantástico Barão de Münchhausen (2016). Cia PeQuod Teatro de Animação. Direção de Miguel Vellinho. Foto de Simone Rodrigues.



A Feira de Maravilhas do fantástico Barão de Münchhausen (2016). Cia PeQuod Teatro de Animação. Direção de Miguel Vellinho. Foto de Simone Rodrigues.

Resumo: O texto reflete sobre o teatro feito para crianças no Brasil tendo como marco algumas encenações e questionamentos sobre esta arte efetuados por artistas desde os anos de 1970 e 1980 em festivais e seminários realizados em diferentes regiões do País, sobretudo nos Festivais Nacionais de Teatro Infantil do Teatro Guaíra, em Curitiba. Temas como a especificidade de uma linguagem de teatro para crianças, a importância das artes dedicadas ao público infantil, a inserção de disciplinas sobre teatro para crianças em Escolas Superiores de Teatro, a trajetória do teatro de animação com seu expressivo avanço no campo do estudo e da pesquisa são aspectos abordados no presente artigo. **Palavras-chave:** Teatro para Crianças. Teatro de Animação. História do Teatro.

Abstract: The text reflects on the theater made for children in Brazil, having as a frame some performances and questionings about this art made by artists since the 1970s and 1980s in festivals and seminars held in different regions of the country, especially in the National Festivals of Theater for Children from Teatro Guaíra, in Curitiba. Themes such as the specificity of a theater language for children, the importance of the arts dedicated to children, the insertion of subjects on theater for children in Undergraduate Theater Schools, the path of Puppet Theater with its significant advance in the field of study and research are aspects addressed in this article.

Keywords: Theater for children. Puppet Theater. History of Theater.

Acompanho a trajetória do teatro para crianças desde meados da década de 1970. Comecei participando de um grupo de teatro e depois coordenando o setor de Teatro Infantil e de Teatro de

Bonecos, do então SNT/INACEN, hoje Funarte¹. Durante anos seguidos, participei de comissões julgadoras de prêmios e concursos, como também de festivais e seminários realizados regularmente. Neste tópico dos festivais, destaco os Festivais Nacionais de Teatro Infantil do Teatro Guaíra, em Curitiba, nos anos de 1970 e 80². No meu entender, estes encontros se constituem, na história recente, um marco, em se tratando de inquietações sobre o tema do teatro para a infância. Não havia distinção, por parte de seus promotores, entre o teatro de formas animadas e o teatro de atores, mas sim a procura por espetáculos que indicassem uma renovação do tratamento dado às plateias infantis. Nestes encontros, integrantes dos grupos convidados, debatedores e palestrantes permaneciam, durante uma semana, num intenso debate das peças apresentadas. Participar da programação desse Festival se tornava uma chancela que contribuía para a carreira das produções em suas cidades de origem. Foi nesse Festival, em 1974, por exemplo, que estreou *História de lenços e ventos*, do Grupo Ventoforte, com sua estética inovadora considerada por muitos estudiosos como um divisor de águas na história recente do teatro para crianças no Brasil. Além da programação nacional, o Festival acolhia espetáculos e artistas de outros países, ampliando o conhecimento do tema em diferentes contextos culturais. Cito alguns nomes que marcaram presença e pelo que contribuíram nestes encontros. Na época, desempenhavam as funções indicadas: Fanny Abramovich (crítica do *Jornal da Tarde*, de São Paulo e autora de inúmeros livros dedicados à produção artística para a infância); Ana Maria Machado (crítica do *Jornal do Brasil*, do Rio, e autora teatral); Clóvis Levy (crítico do *Jornal*

¹ Serviço Nacional de Teatro/Instituto Nacional de Artes Cênicas, organismos da administração federal, denominados, a partir dos anos 1990, Fundação Nacional das Artes, do Ministério da Cultura.

² Nos primeiros anos de edição deste Festival Nacional de Teatro Infantil, a programação incluía espetáculos de atores e de bonecos. Posteriormente, um Festival de Teatro de Bonecos acontecia em paralelo, permanecendo depois como Festival Espetacular de Teatro de Bonecos.

O Globo, do Rio, e autor de textos teatrais); Clóvis Garcia (crítico do jornal *O Estado de São Paulo*, ator, cenógrafo e figurinista); José Antônio Domingues (professor e encenador de teatro com especialidade em teatro na educação); Helena Barcelos (professora de Arte-Educação com diversos livros e artigos publicados); Sílvia Orthof (autora de dezenas de livros para crianças e textos dramáticos premiados como *A viagem do barquinho*; *Eu chovo, tu choves, ele chove*; *A gema do ovo da Ema*); Ilo Krugli (do Teatro Ventoforte, sediado no Rio e depois transferido para São Paulo); Maria Helena Kühner (autora, pesquisadora com diversos livros publicados); Hector Grillo (escritor e ator de teatro e cinema com destacados trabalhos na Argentina, no Brasil e na Europa); Olga Romero (atriz de Córdoba – Argentina, residente no Brasil, com trabalhos marcantes em importantes companhias teatrais); Valmor Beltrame (integrante do Grupo Gralha Azul, de Lages – Santa Catarina); artistas e estudiosos paranaenses, entre outros, muitos outros.

Ações relevantes eram realizadas na época pelo então SNT/INACEN, como o registro dos espetáculos produzidos em todas as regiões, concursos de dramaturgia, edições de textos premiados, o Projeto Mambembinho – circulando espetáculos por várias cidades –, ciclos de leitura de peças, seminários e oficinas teatrais ministradas nas capitais e no interior do País. Estes projetos eram desenvolvidos em parceria com entidades representativas, a exemplo da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB – Centro UNIMA Brasil, que alimentava o seu coletivo com informações do que acontecia no País.

No que diz respeito às reflexões da época, é interessante recuperar, hoje, algumas questões que estavam sempre nas mesas de discussão.

- O teatro para crianças é um gênero teatral específico? Quais as balizas e os componentes preponderantes que delimitam uma encenação teatral para as plateias infantis? Quais os elementos que definem esta especificidade e onde se localizam, na carpintaria e nos conteúdos dramatúrgicos, na encenação, na interpretação? Existem



Revista da SBAT, número especial (1975). MEC – DAC – Serviço Nacional de Teatro. Capa: Sylvia Heller. Foto de Humberto Braga.

temas mais ou menos apropriados para diferentes plateias?

- Por que o teatro para crianças ainda é considerado como uma arte de menor importância, tanto pelos órgãos públicos da cultura e da educação como pelos patrocinadores e até mesmo pelos artistas, na sua grande maioria, encarando-o muitas vezes como arte para o início de carreira?

- Por que o teatro para crianças não faz parte, de verdade e como disciplina específica, de escolas de nível superior de teatro?

A partir dos anos de 1990, redireciono minha atenção para outras áreas artísticas e diminuo a frequência nas sessões de teatro infantil por um extenso período. Recentemente, sou convidado a integrar a Comissão de Avaliação do Prêmio do Centro Brasileiro de Teatro para Infância e Juventude – CBTIJ retomando, em 2015 e 2016, a prática de assistir a espetáculos teatrais, todos os finais de semana, na cidade do Rio de Janeiro. Esta experiência agora, comparada às vivências daquela época, me permite dizer que, pelo menos em termos quantitativos, ainda permanece um número expressivo de espetáculos com propósitos questionáveis e interesses nitidamente comerciais com adaptações improvisadas atraindo grande parcela do público que, ao escolher o espetáculo, opta por títulos conhecidos.

Os resultados publicados por entidades que oferecem prêmios, no Rio, além do CBTIJ – Centro Brasileiro de Teatro para Infância e Juventude, e o Cepetin – Centro de Pesquisa e Estudo do Teatro Infantil, que promove o Prêmio Zilka Sallaberry, registraram aproximadamente 150 estreias em 2015 e 140 estreias em 2016. Na média, um percentual aproximado de 10% recebe destaques a cada ano por comissões distintas. Estes dados numéricos mostram um panorama desnivelado que acaba embaçando, injustamente, a percepção da realidade do teatro para infância, prevalecendo um conceito genérico. Exatamente por conta disso, tento reconhecer e valorizar neste artigo o quanto de bom existiu, nestes dois anos, entre os que mais receberam indicações.

Dentre quatorze peças aqui comentadas, oito seguiram pela

trilha dos musicais. *O menino das marchinhas*³, com texto original de Pedro Henrique Lopes, trata de um assunto que a princípio não teria nada a ver com as crianças, como o repertório das marchinhas carnavalescas, a vida e obra do compositor musical Braguinha e a época dos cantores do rádio. Através desse repertório alegre e divertido, o texto fala da amizade e da perseverança na busca de um sonho. É interessante resgatar a declaração do diretor Diogo Moraes: “Era comum vermos avós e netos numa sessão e aquela mesma avó em outra sessão sem os netos, mas com as amigas”. Esta montagem teatral é o segundo espetáculo da série *Grandes músicos para pequenos* – o primeiro foi *Luiz e Nazinha – Luiz Gonzaga para os pequenos* – com o objetivo de apresentar a vida e a obra de importantes compositores para as novas gerações e do resgate da cultura brasileira através de espetáculos que envolvam toda a família. A última produção da mesma companhia já em cartaz é dedicada a *Bituca – Milton Nascimento para crianças*.

Seguindo a mesma trilha, temos a *Experiência Yellow*⁴, pegando a “beatlemania”, que poderia ser classificado também e *a priori* como um assunto de maior interesse dos que viveram os tempos dos Beatles, mas que acaba agradando todas as idades e especialmente os adolescentes, tão distantes do teatro. Os assuntos como a amizade e a busca de identidade são tratados com excelência técnica e artística inclusive com dispositivos digitais inovadores usados em boa medida. Três componentes da banda – Ringo Star, George Harrison e John Lennon – invadem o mundinho de um garoto provocando-o a correr atrás dos seus sonhos. O quarteto embarca no *Yellow Submarine* imaginário, rumo a uma viagem inesquecível vivendo uma transformadora experiência *yellow*. A versão em português de músicas emblemáticas é um dos pontos que se destacam neste trabalho pela qualidade poética. Mais um no caminho dos

³ Espetáculo produzido por ENTRE – Entretenimento em cartaz, em 2015, no Teatro dos 4, Rio de Janeiro.

⁴ Espetáculo dirigido por Karen Acioly e texto compartilhado com o filho também protagonista em cartaz, em 2016, no Teatro Oi Futuro, de Ipanema – Rio de Janeiro.

musicais, o *Forró Miudinho*⁵, último título de uma trilogia que começa em 2013 com *Sambinha*, em 2014 com *Bossa Novinha – A Festa do Pijama*, todos com a proposta de apresentar a diversidade da música e da cultura brasileira. Os temas de despedida, saudades, reencontro estão aqui embalados em canções que, mais uma vez, aproximam todas as idades.



Um príncipe chamado Exupéry (2010). Cia. Mútua. Direção de Willian Sieverdt.
Foto de Deda Silveira.

⁵ Espetáculo com texto e roteiro de Ana Velloso e direção de Sérgio Modena, em cartaz, em 2015, no Teatro Oi Futuro, de Ipanema – Rio de Janeiro.

Mais um exemplo, *Mas por quê??!* – *A história de Elvis*⁶, contando a história de uma menina inconformada com a morte de Elvis, o seu canário belga homenageado com o nome do Rei do Rock. Uma encenação repleta de sentimentos como razão da existência, morte, passado, presente, saudade, tudo isso regido por uma trilha sonora que, desta vez, decidiu manter as letras no original das canções. Em todos esses espetáculos, era comum observar crianças sorrindo e contagiadas com a animação dos adultos cantando canções conhecidas. Destaca-se, ainda, na temporada, uma interessante opção pela pesquisa e pelo tratamento de personagens históricos que enriqueceram o panorama.

*Ludi na aventura da vacina*⁷ é uma peça infantil que tem a cidade do Rio de Janeiro como protagonista. Uma odisseia no início do século passado, em 1904, ano em que a cidade vivia grandes turbulências, entre elas, a Revolta da Vacina, um movimento popular contra a vacinação obrigatória imposta pelo governo federal e capitaneada pelo médico, cientista e sanitarista Oswaldo Cruz. Na época, a cidade sofria uma reestruturação urbanística promovida pelo prefeito Pereira Passos. Um jogo inteligente entre o passado e o futuro com boa dosagem de humor envolvido, uma cenografia criada com projeções e videografismo usados acertadamente para tornar agradáveis as informações históricas. Cena muito inteligente de um garoto que encontra Machado de Assis e pede a ele um autógrafo num livro que não terminara de escrever. O escritor leva um susto vendo o livro pronto e pede para ver como ficou, ouvindo uma matreira resposta do menino: “Não! O senhor pode ser influenciado pelo senhor mesmo”. Sensação igualmente instigante se repete quando, após vivenciarmos no palco cenas do Rio antigo, saímos do Teatro Ginástico – também no centro da cidade – e nos deparamos com aquela realidade transformada nos dias de hoje. A magia do teatro tornando isso possível.

⁶ Espetáculo baseado no livro ilustrado de Peter Schössow, texto de Rafael Gomes e Vinicius Calderoni, Direção Renato Linhares em cartaz, em 2015, no Teatro Net – Rio de Janeiro.

⁷ Com texto e direção da premiada Renata Mizrahi e livremente adaptado do livro homônimo de Luciana Sandroni, em cartaz em 2016, no Teatro Ginástico – Rio de Janeiro.

Outro personagem notável e delirante nos é apresentado pela Cia. PeQuod com o espetáculo *A feira de maravilhas do fantástico Barão de Münchhausen*⁸, direção de Miguel Vellinho. Uma proposta cênica ousada e de alto grau de complexidade com atores e bonecos de diferentes técnicas de manipulação passeando por quatro ambientes distintos e pelos quais somos conduzidos divertidamente pelas inacreditáveis mentiras do Barão, o alemão Karl Friedrich Hieronymus Von Münchhausen (1720–1797), que passou a propagar histórias tão exageradas que acabaram por lhe valer o apelido de “o maior mentiroso do mundo”. Com trilha sonora de Tim Rescala, esta feira de maravilhas arrebatava todo o público, e não apenas o infanto-juvenil, como é a sua proposta inicial.

Outro personagem ilustre é revivido em *Um príncipe chamado Exupéry*⁹, direção de Willian Sieverdt, que instiga a plateia com



Um príncipe chamado Exupéry (2010). Cia. Mútua. Direção de Willian Sieverdt. Foto de Deda Silveira.

⁸ Espetáculo produzido por um dos mais respeitados grupos de teatro de animação sediado no Rio de Janeiro em cartaz, em 2015, no Espaço dos Correios – Rio de Janeiro.

⁹ Espetáculo da Cia. Mútua, de Itajaí – Santa Catarina, em cartaz no Teatro dos Anônimos – Rio de Janeiro.

uma curiosa indagação: esteve o autor de *O pequeno príncipe* no Brasil? Parece que sim, e esta história é contada por atores e formas animadas com muito lirismo. A encenação começa com a recepção do público, que entra num espaço cênico transformado em hangar, e as surpresas se sucedem até o final com a chegada das cartas transportadas por pilotos de aviões frágeis que cruzavam oceanos perigosos transportando correspondências de um lado para o outro, ainda no século XX, aguardadas com tanta esperança num outro sentido de tempo nem tão longe assim dos *whatsapps* e dos *e-mails*. *A cena da morte de Exupéry está entre os momentos mais lindos já vistos no teatro para crianças, desde os anos 1990*, registra o crítico Dib Carneiro, na temporada de São Paulo em 2016¹⁰.

Outro exemplo é *A gaiola*¹¹, um espetáculo que pode ser considerado como um dos mais belos da temporada. O requinte da interpretação de um ator e de uma atriz, o excelente nível de encenação e o tema do amor entre uma menina e um passarinho que enfrenta a dor da separação comovem toda a plateia. No dia em que assisti ao espetáculo, ao final, uma criança corre da plateia, se abraça e fica agarrada com o ator-passarinho. Tive a curiosidade de perguntar quem era aquele menino, e era mesmo um garoto do público completamente tomado pela emoção transmitida do palco.

Merece consideração, ainda, um monólogo para crianças, *Boquinha, e assim surgiu o mundo*¹², com texto e direção de Lázaro Ramos. Uma ideia tênue e difícil – tratar da criação do mundo – para uma plateia infantil esbarrando inevitavelmente pelos caminhos da ciência e das religiões. Uma encenação intencionalmente singela com excelente aproveitamento do teatro de sombras aliada a um completo domínio de cena do ator Orlando Caldeira.

Por fim, resalto a produção teatral que comemora os 65 anos do

¹⁰ Crítica publicada no site http://www.ciamutua.com.br/wordpress/?page_id=414

¹¹ Texto adaptado por Adriana Falcão e Eduardo Rios da obra de autoria de Adriana Falcão, direção de Duda Maia. Em cartaz, em 2016, no Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB – Rio de Janeiro.

¹² Espetáculo em cartaz no Mezanino do SESC Copacabana, em 2016, Rio de Janeiro.

Tablado, ícone do teatro infantil. *Tãotãotão*¹³, direção de Cacá Mourthé e texto de Pedro Kosovski em sua primeira incursão na dramaturgia no gênero com redobrada responsabilidade, pois se tornava o primeiro texto encenado neste teatro não sendo de Maria Clara Machado. O menino *Tãotãotão* passa grande parte do dia brincando sozinho no seu quarto em frente ao espelho, que se transforma num verdadeiro teatro da imaginação. Direção segura enriquecida pela coreografia e pela música ao vivo que tornam o espetáculo ágil, dinâmico. Os atores principais conseguem interpretar o papel de crianças sem caricaturas, fato este raro no teatro infantil, criando uma boa empatia com a plateia. O texto de Kosovski passeia por questões filosóficas e pelo mito de Narciso numa adorável história de dois universos paralelos do real e do imaginário. *Sua grande virtude é possuir uma fácil capacidade de interação com o público sem abrir mão da profundidade encontrada em suas camadas dramáticas*, ressalta uma bela análise do crítico Renato Mello¹⁴.

Volto às questões levantadas desde a década de 1970 que parecem continuar em suspenso exigindo mais debates. A especificidade da linguagem do teatro para crianças ainda divide opiniões, deixando por enquanto a certeza de que a qualidade da encenação e a propriedade no tratamento dos temas devem prevalecer sempre; a importância das artes para as crianças ainda é pequena e enfrenta distorções. A democratização do acesso tão apregoada pelos editais de patrocínio e pelas leis de incentivo ainda não mostra resultados, apesar de esforços empreendidos; o teatro para crianças como uma disciplina específica nas escolas de nível superior de teatro está mais do que na hora desta tomada de decisão, não apenas ampliando a formação integral do estudante de teatro como no estímulo à produção do conhecimento.

Este tema ganha outra dimensão, quando levamos em conta o que ocorreu com o teatro de formas animadas, que conseguiu, a par-

¹³ Espetáculo em cartaz no Teatro Tablado, em 2016, Rio de Janeiro.

¹⁴ Crítica do espetáculo no site Botequim Cultural. <http://botequimcultural.com.br/critica-taotao/>

tir dos anos de 1990, nos Cursos de Bacharelado e Licenciatura em Teatro e no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado em Artes Cênicas) da Universidade de São Paulo – USP, a implantação de disciplinas regulares e orientações em pesquisas possibilitando a titulação de mestres e doutores especializados no tema. Artistas de diversos pontos do País, complementam seus estudos e dão continuidade às suas investigações em suas universidades de origem.¹⁵ A edição *Móin-Móin* e uma série de atividades desenvolvidas em Santa Catarina (muito também pela dedicação de estudiosos) podem ser consideradas como consequência direta do que foi estimulado naquele ambiente de estudo. Depois de mais de dez anos, esta publicação universitária está disponível com mais de 200 artigos assinados por especialistas de 32 nacionalidades sobre técnicas, práticas, teorias, memória e outros assuntos ligados à linguagem do teatro de animação. Não podemos deixar de considerar também que o reconhecimento da importância de um tema, quando é alçado ao mundo acadêmico, pode mudar a posição de porta de entrada do fazer teatral para outro patamar de alto nível de especialização.

A realidade do teatro para crianças em diferentes medidas é a mesma em todas as regiões do País e parece que fica, ainda, num campo isolado, específico, enfrentando suas adversidades. É difícil, por exemplo, a circulação de produções dedicadas a este gênero

¹⁵ Segundo levantamento efetuado pelo Grupo de Estudos sobre Teatro de Animação da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc, em Florianópolis, hoje, as artes do teatro de formas animadas, que compreendem o teatro de bonecos, teatro de objetos, teatro de máscaras e teatro de sombras integram o programa curricular de Cursos de Artes Cênicas em 25 universidades públicas brasileiras. Não existe curso superior no Brasil dedicado exclusivamente a esta arte, como corre na Argentina, França, Alemanha e muitos outros países, aqui os conteúdos sobre teatro de animação são oferecidos como disciplinas nos Bacharelados e Licenciaturas em Teatro nestas universidades. Outro dado relevante deste estudo registra cerca de 70 pesquisas (Mestrado e Doutorado) realizadas em Programas de Pós-Graduação. Todas essas pesquisas têm como foco o teatro de animação brasileiro em suas diferentes manifestações. Não estão computadas no levantamento as dissertações e teses sobre teatro de animação cujos temas se referem ao teatro de bonecos de outros países, temas como a dramaturgia de teatro de bonecos de García Lorca ou o teatro de Tadeuz Kantor, apenas para exemplificar.

teatral da mesma forma que os obstáculos enfrentados pelos promotores dos festivais de teatro infantil que existem na ampliação de suas atividades. Os tradicionais e conhecidos festivais dedicados à produção teatral para o público adulto do País e que conseguem mais influência junto a formadores de opinião, ressalvadas as dificuldades que também enfrentam, poderiam abrir mais suas portas para os que se dedicam ao teatro para a infância. As atividades artísticas dedicadas às crianças no campo da produção, da difusão, da memória e do estudo não são priorizadas pelas políticas públicas.

Todos estes fatos são decorrência, em última análise, de uma visão estreita que ainda prevalece em relação ao tema e à sua importância no conjunto das artes, da educação e da cultura. Ampliar o nível de compreensão e o reconhecimento da importância do teatro para crianças é o grande desafio a ser enfrentado com o objetivo de transformação desta realidade.

REFERÊNCIAS

http://www.ciamutua.com.br/wordpress/?page_id=414

<http://botequimcultural.com.br/critica-taotao/>